



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**MICHELLY BRAZ DA SILVA**

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM:  
RESSIGNIFICANDO A PRÁTICA AVALIATIVA**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2007**

**MICHELLY BRAZ DA SILVA**

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM:  
RESSIGNIFICANDO A PRÁTICA AVALIATIVA**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.**

**Orientadora: Professora Ma. Maria Gerlaine Belchior Amaral.**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2007**



S586a Silva, Michelly Braz da.  
Avaliação da aprendizagem: ressignificando a prática avaliativa / Michelly Braz da Silva.- Cajazeiras, 2007. 41f.: il.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2007.  
Contém Bibliografia.  
Não disponível em CD.

1. Avaliação da aprendizagem. 2. Prática avaliativa. 3. Professores. I. Amaral, Maria Gerlaine Belchior. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.091.26

Michelly Braz da Silva

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: ressignificando**  
**a prática avaliativa**

Monografia apresentada à coordenação do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande- UFPB, sob orientação da professora Ms. Maria Gerlaine Belchior Amaral, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

CAJAZEIRAS - 2007 . . .

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAJAZEIRAS - PARAIBA

Michelly Braz da Silva

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: ressignificando  
a prática avaliativa**

Monografia aprovada em 10 de Maio de 2007

*Maria Gerlaine Belchior Amaral*

Ms. Maria Gerlaine Belchior Amaral (orientadora).

*“A sabedoria da vida não está em fazer aquilo que  
gosta, mas em gostar daquilo que faz”.*

*(Leonardo Davinci)*

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAJAZEIRAS - PARAIBA

Dedico ao nosso maior mestre: Deus, pois sem sua permissão, a concretização dessa etapa de nossas vidas não seria possível.

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAJAZEIRAS - PARAIBA

## Agradecimentos

À minha família pelo aprendizado da humanidade e pelo exemplo de amor e de fé.

Aos mestres por proporcionarem o acesso a conhecimentos que foram imprescindíveis no nosso processo de formação, bem como no exercício de nossa profissão.

Aos amigos e colegas, pelo apoio, compartilhando sempre os momentos de alegria e de angústia.

Aos professores da E. E. E. I. E. F. São Sebastião que se dispuseram a colaborar nessa busca pelo conhecimento e superação dos tantos obstáculos encontrados no caminho.

Enfim, a todas as pessoas, parentes e amigos que de forma direta ou indireta, participaram e colaboraram para elaboração desse trabalho.

À todos,

OBRIGADA.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> -----	10
<b>1 -RESSIGNIFICANDO A PRÁTICA AVALIATIVA</b> -----	13
1.1 - Surgimento e Definição da Avaliação-----	13
1.2 – A ligação entre testar e avaliar-----	15
1.3 – A importância da análise dos erros-----	17
1.4- A Relação Entre a Avaliação e o Fracasso Escolar-----	18
<b>2- A POSTURA DOS DOCENTES FRENTE À AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM</b> -----	20
2.1- A relação entre a formação dos professores e sua prática avaliativa-----	20
2.2 – A função tradicional da avaliação-----	22
2.3 – Avaliação utilizada como ameaça-----	23
2.4 –Avaliar a serviço da aprendizagem-----	25
<b>3- RELATOS DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NA SALA DE AULA</b> -----	28
3.1- Caracterização da escola campo de estágio-----	28
3.2- Comentando os resultados da pesquisa-----	28
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> -----	35
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> -----	38
<b>ANEXO I</b> -----	39
<b>ANEXO II</b> -----	41

## RESUMO

O trabalho de monografia que se desenvolve a seguir objetiva analisar a prática avaliativa vivenciada na sala de aula, para a partir de então, buscar subsídios que possibilitem ao docente repensar e reorientar sua ação. Para melhor compreender como se dá o processo de avaliação na sala de aula, além de freqüentes observações, contamos também como instrumentos de coleta de dados, a aplicação de um questionário de 12 perguntas subjetivas, que contou com a colaboração das professoras da E. E. E. I. E. F. São Sebastião. A partir da análise das respostas obtidas foi possível perceber a imediata relação que os professores fazem entre avaliação e notas, bem como a dicotomia existente entre a teoria que apresentaram e a prática que realmente vivenciam. Prática esta que enfrenta grandes dificuldades como falta de material didático e apoio pedagógico, escola com estrutura física adequada, uma remuneração condizente com sua responsabilidade e importância social, que não lhe obriga a enfrentar a duplas ou até mesmo triplas jornadas de trabalho, de modo que não disponha de tempo para planejar e avaliar sua ação, além da ausência dos pais que pouco ou nada participam do processo de aprendizagem dos filhos, mas que por outro lado exigem da escola o que realmente lhes interessa: BOAS NOTAS. Mediante o exposto, acreditamos na possibilidade de contribuir para um refletir acerca da ação docente e dos desafios vivenciados na busca por uma avaliação que priorize a aprendizagem e não a mera aquisição de notas, que vise a descoberta de potencial, o desenvolvimento de um educando reflexivo que exerça sua cidadania de forma crítica, mas participativa e não à seleção e exclusão destes. Esperamos com este trabalho abrir uma discussão acerca da avaliação de modo a contribuir de maneira significativa aos docentes.

## INTRODUÇÃO

Esta monografia é um trabalho de conclusão do curso de Pedagogia, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras - PB.

A pesquisa de que trata essa monografia ocorreu na Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental São Sebastião, localizada no município de São José de Piranhas PB, na segunda série, onde leciono. A investigação de que trata esta monografia foi realizada no período de Fevereiro de 2005 a Abril de 2007.

Este estudo se propõe a princípio, discutir sobre as contribuições decorrentes de uma avaliação planejada e de fato direcionada ao processo de ensino e aprendizagem, bem como compreender a relação existente entre a avaliação e o fracasso escolar, e ainda, alertar aos docentes para as possíveis conseqüências de uma avaliação arbitrária. Além destes, intenciono ainda, evidenciar a relevância da avaliação para o trabalho educativo, tendo em vista suas possíveis contribuições, bem como, suas possíveis conseqüências.

Considerando que a metodologia é um caminho que, se trilhado de forma adequada, nos permite atingir uma meta, optei a princípio por realizar uma pesquisa bibliográfica, a fim de obter e analisar novos e relevantes conhecimentos teóricos que serviram de base para subsidiar este trabalho.

Sabemos que a sociedade passa constantemente por várias transformações e evoluções. No entanto, essas mudanças não se realizam por si mesmas, sem intervenção do homem, ao contrário, para que ocorram é necessária a nossa atuação, ou seja, a organização de uma seqüência de ações.

Sendo assim, realizei também uma pesquisa-ação<sup>1</sup>, não apenas com a finalidade de observar a problemática em questão, mas também de compreendê-la, refletindo sobre, com vistas a agir intencionalmente na sala de aula, através de um conjunto de ações direcionadas para atender

---

<sup>1</sup> \* pesquisa-ação pressupõe uma ação planejada que deverá realizar-se no decorrer da sua realização...Há por parte dos pesquisadores o interesse de não apenas verificar algo, mas de transformar. Nesse sentido, preciso haver uma interação entre pesquisa e pessoas investigadas.

às reais necessidades dos educandos, levando em conta suas aspirações tanto de conhecer, quanto de agir.

A escolha do referido tema deu-se mediante a necessidade de uma análise e compreensão do mesmo, tendo em vista sua relevância no processo de ensino e aprendizagem, bem como das possíveis conseqüências que dela decorrem, se utilizadas de forma arbitrária.

Alguns professores avaliam seus alunos apenas com a finalidade de adquirir evidências comprováveis que definirão ao final do ano letivo se estes serão *aprovados* ou *reprovados*, a fim de atender às exigências, seja da escola ou da Secretaria de Educação. Desta forma, reduzindo-a ao simples ato de medir e testar o educando.

Para o aluno, ser avaliado representa, conferir através da nota obtida na prova, (ou qualquer outro instrumento de verificação da aprendizagem) o quanto de conhecimento ele conseguiu adquirir, pois se a nota foi “boa” quer dizer que **o professor** considera que ele sabe do conteúdo, mas por outro lado, se o resultado for negativo, significa que ele ainda tem muito a aprender, mas para o aluno, a nota baixa pode ser também sinônimo de injustiça.

Para os pais, a avaliação significa o resultado do desempenho dos seus filhos, quantificado-os por meio das notas. Muitas vezes, esse é o único vínculo estabelecido entre pai-filho-escola, já que nem sempre os pais acompanham o dia-a-dia do seu filho na escola.

Para uma grande parcela de professores, avaliar limita-se a fazer provas e aferir notas. Quando na verdade o único objetivo da avaliação não é esse. A avaliação permite ao professor diagnosticar o nível de conhecimento em que o aluno se encontra, para a partir de então ajudá-lo a evoluir, a partir de um acompanhamento e de observações do processo de aprendizagem dos alunos, perceber e analisar, o que não está bom, o que está emperrando o desenvolvimento e o que precisa ser superado. Dando ao professor, subsídios para repensar e redimensionar as suas ações, direcionando-as a favor de uma aprendizagem relevante e significativa.

Nesse sentido, é necessário um estudo acerca da avaliação para a aprendizagem, pois sua compreensão é imprescindível para nossa formação enquanto educadores, para que não cometamos erros que podem ser irreversíveis, considerando a abrangência de suas conseqüências, uma vez que um aluno reprovado na escola tem maior possibilidade de ser

reprovado também fora dela e ao invés de produzir desenvolvimento, a avaliação sirva para propiciar exclusão.

Diante do exposto, faz-se necessário que nos questionemos. De que forma a avaliação pode contribuir para a melhora do processo de ensino aprendizagem? Quais cuidados o professor deve tomar ao avaliar o aluno? Qual a real função da avaliação? Quais conseqüências de uma avaliação arbitrária? Qual a participação do professor no fracasso do aluno? Enfim, são muitas as interrogações, uma vez que a avaliação é uma questão bastante problemática, significativa e intrínseca à educação, e cabe a nós buscarmos as respostas e possíveis soluções para os vários problemas encontrados acerca da avaliação da aprendizagem escolar.

Sendo assim, pretendo com esse trabalho, renovar a discussão acerca da avaliação da aprendizagem, bem como alertar aos docentes para a importância do tema, a fim de desvendar alguns mitos, propor sugestões e desafios, bem como novos caminhos a serem percorridos, somando forças, dividindo experiências e multiplicando conhecimentos com os demais docentes que também pretendem adquirir uma base teórica que se configure na construção de uma educação que possibilite alternativas emancipatórias. Na busca de uma prática que não exclua pessoas, apenas apontando ou até mesmo inventando dificuldades, mas que possa colaborar nos processos formativos do educando, favorecendo seu desenvolvimento profissional, ajudando-os na descoberta de potencial, de desenvolvimento. Contribuindo assim para a construção de um ensino de qualidade, redimensionando a prática educativa, colaborando efetivamente não apenas para o sucesso escolar do indivíduo, mas que este se estenda por todos os aspectos de sua vida.

Na busca por uma melhor organização e compreensão do tema abordado, o trabalho de monografia que se apresenta, possui na sua composição os principais elementos que norteiam a temática em estudo, enfatizando-a de forma clara e objetiva. De início, a fundamentação teórica divide-se em dois capítulos, sendo que o primeiro alerta para a necessidade de um repensar acerca da ação docente e tem como título: ressignificando a ação docente. No segundo, discutiremos sobre a postura dos docentes frente à avaliação da aprendizagem. Para obter as informações necessárias foram consultados vários autores dentre os quais destacamos, Hoffmann, Libâneo, Luckesi, Perrenoud, Romão, entre outros. No terceiro capítulo apresentamos o relato das experiências vivenciadas na sala de aula, durante o Estágio Supervisionado. Por fim, tecemos as considerações a que chegamos no término deste trabalho.

## 1-RESSIGNIFICANDO A PRÁTICA AVALIATIVA

### 1.1- Surgimento e Definição da Avaliação

Segundo PERRENOUD, a

Avaliação não é uma tortura medieval. É uma invenção mais tardia, nascida com os colégios por volta do século XVII e tornada indissociável do ensino de massa que conhecemos desde o século XIX, com a escolaridade obrigatória. (1999:09).

Desde então, o processo de avaliação passou por transformações, tendo em vista que o seu objetivo que era apenas o de mensurar através de testes padronizados o desempenho dos alunos, é ampliado utilizando para isso, novos instrumentos de avaliação.

O termo avaliação vem sendo tema de muitos debates acerca do seu teor. Ainda é muito difícil definir este processo, que se torna cada vez mais lúcido na classe acadêmica.

Professores e estudiosos, tentam pôr em prática um sistema de avaliação que não se resume a provas, testes ou exercícios, buscam estabelecer um projeto de avaliação, que consiste em uma avaliação contínua, que busca o desenvolvimento das habilidades individuais do aluno.

No entanto, notamos uma certa dificuldade por parte dos professores de pôr em prática esta tendência, pois ainda estão muito ligados aos métodos de avaliação pelo qual passaram, centralizado em provas objetivas, algo compreendido como julgamento.

A avaliação, ao não se restringir ao julgamento sobre sucessos ou fracassos do aluno é compreendida como um conjunto de atuações que tem função de alimentar, sustentar e orientar a intervenção pedagógica. Ou seja, é o instrumento de tomada de consciência de suas conquistas, dificuldades e possibilidades para reorganização de seu investimento na tarefa de aprender. Pressupõe também que avaliação não se aplique apenas ao aluno, considerando as expectativas de aprendizagens, mas, às condições oferecidas para que isto ocorra. Segundo LUCKESI (1999, p.33): “Avaliação é um juízo de qualidade sobre dados relevantes para uma tomada de decisão”.

Avaliar se define a partir das concepções de ensino e aprendizagem e da função da avaliação no processo educacional, é preciso que a perspectiva de cada momento da avaliação seja

definida claramente, para que se possa alcançar o máximo de objetividade. Para alcançar tal objetividade é necessário considerar a importância de uma diversidade de instrumentos e situações para possibilitar a execução de um trabalho significativo, dando prioridade as diferentes capacidades e conteúdos e por fim, constatar os dados obtidos e observar a transferência das aprendizagens em contextos.

Se analisarmos literalmente o significado da palavra avaliar de acordo com o dicionário Aurélio (2001, p. 556) teremos o seguinte resultado: “ Determinar o valor de”. Ou seja, trazendo esse conceito para o contexto da educação, pretende-se que por meio de uma prova, se obtenha elementos que indiquem com exatidão os conhecimentos adquiridos pelo aluno para atestar se são suficientes ou não para que ele passe na prova, e de ano (escolar), quando na verdade, avaliar não deveria se limitar a isso. Para HOFFMANN (2002) o seu significado não se resume à sua aplicação, ao seu resultado, mas à utilização como fundamento para nossa ação educativa.

Para LUCKESI (1997), “a avaliação é uma apreciação qualitativa sobre dados relevantes do processo de ensino e aprendizagem que auxilia o professor a tomar decisões”. Nessa Perspectiva, a avaliação é um dos componentes do processo de ensino que tem por objetivo, determinar a correspondência dos resultados obtidos e objetivos propostos, para a partir de então nortear a tomada de decisões em relação às atividades didáticas seguintes.

LIBÂNEO (1994:203) Define avaliação escolar, como “Um processo contínuo que deve ocorrer nos mais diferentes momentos de trabalho”. Para ele a verificação e qualificação dos resultados da aprendizagem devem ocorrer no início, durante e no fim das unidades didáticas, com o objetivo de diagnosticar e superar os obstáculos, corrigindo erros e incentivando os alunos a continuarem se dedicando à aprendizagem.

Professor e estudiosos, tentam pôr em prática um sistema de avaliação que não se resume a provas, testes ou exercícios, buscam estabelecer um projeto de avaliação, que consiste em uma avaliação contínua, que busca o desenvolvimento das habilidades individuais do aluno.

No entanto, notamos uma certa dificuldade por parte dos professores de pôr em prática esta tendência, pois ainda estão muito ligados aos métodos de avaliação pelo qual passaram, centralizado em provas objetivas, algo compreendido como julgamento. Segundo HOFFMANN (2003 p.18):

Exercendo-se a avaliação como uma função classificatória e burocrática, persegue-se um princípio claro de descontinuidade, de segmentação, de parcelarização bimestrais ou semestrais estabelecem uma rotina de tarefas e provas periódicas desvinculadas de sua razão de ser no processo de construção do conhecimento.

É necessário, que o professor busque uma incessante compreensão das dificuldades do aluno, conhecendo sua realidade e deixando que as oportunidades façam com que ele busque suas próprias verdades e ultrapasse obstáculos, respeitando seus limites. Isso não quer dizer que os conteúdos didáticos serão deixados para trás, visto que é necessária a compreensão dos mesmos. No entanto eles devem estar relacionados à sua realidade, uma vez entendida que o papel do professor e fazer com que o aluno sinta a necessidade de aprender, e entender que o que é ensinado na escola, poderá ser utilizado no seu cotidiano.

A avaliação da aprendizagem deve ser compreendida como um processo contínuo, sistemático e íntegro de acompanhamento e julgamento do nível no qual alunos e professores se encontram em relação ao alcance dos objetivos desejados na formação de profissional em questão, ou seja, do professor/educador.

Pode-se dizer que avaliação da aprendizagem deve ser entendida como um processo indissociável da dinâmica de ensino e aprendizagem, pois implica a realização de verificações planejadas em obter diagnóstico periódico do desempenho dos alunos e professores.

## **1.2 – A ligação entre testar e avaliar**

É importante ressaltar que não basta só quantificar os conhecimentos adquiridos através de uma avaliação que sirva apenas para medir, é necessário considerar também a qualidade e relevância desses para a vida prática do educando, priorizando de fato, a aprendizagem, a construção do conhecimento ao invés de centralizar a atenção apenas aos resultados dos testes, aos números finais o que denuncia que a avaliação nesse caso é mais utilizada no sentido de verificar os resultados à medida que mede conhecimentos, apenas quantificando-os. Sobre isso SAUL (1995, p. 29) nos coloca:

A noção de avaliação como sinônimo de medida é valorizada principalmente pelas suas características de objetividade, fidelidade e possibilidade de manipulação matemática dos dados recebeu sérias críticas em função de ser uma noção simplista inflexível e limitada,

levando ao risco de relegar a um plano secundário aspectos importantes do processo de ensino-aprendizagem

O que é importante destacar é a diminuição da avaliação à provas e testes, uma vez que esse não é o único instrumento que possibilita diagnosticar os conhecimentos adquiridos e construídos pelos educandos. Outro fator a ser discutido é o caráter de terminalidade e autonomia atribuída às provas. O que de fato não é e nem deve ocorrer, tendo em vista que a prova é só um dos vários instrumentos que pode ser utilizado para avaliar os alunos, uma vez que a função da avaliação é possibilitar um repensar da ação docente, pois permite ao professor perceber o nível de conhecimento em que o aluno se encontra, para a partir de então ajudá-lo a se desenvolver e isso não ocorre só em um dia, esse processo se dá cotidianamente, portanto, não faz sentido avaliar só no dia que tem prova. Nesse sentido, HOFFMANN (2002, p 46) nos afirma: “O objetivo da avaliação não se restringe a condutas manifestas, nem a resultados em curto prazo, nem a efeitos previsíveis”.

A avaliação da aprendizagem na medida em que estiver polarizada pelos exames, não cumprirá a sua função de subsidiar, ou seja, de contribuir como decisão da melhoria da aprendizagem, então estando os procedimentos da avaliação articulados com o processo de ensino e aprendizagem, não haverá a possibilidade de dispor-se por isso, a avaliação da aprendizagem pode ser posta sem a menor dificuldade, desde que utilizada independentemente da construção da própria aprendizagem. Porém, a melhoria da qualidade de ensino em todas as dimensões é constituída de um desafio constante para aqueles que têm se preocupado realmente com esta busca, onde tomando a avaliação da aprendizagem como um processo de novas ações, considerando suas inúmeras contradições, poderá atingir o questionamento dos aspectos ligados ao papel social da escola e as implicações políticas na formação do homem como ser social e político, para LUCEKSI (1999: 46): “A avaliação deve ser uma atividade racionalmente definida, dentro de um encaminhamento político e decisório a favor da competência de todos para a participação democrática da vida social”.

No entanto, para uma prática avaliativa ser coerente, o educador terá que ter um aprofundamento em teorias do conhecimento e principalmente uma visão ampla e detalhada de sua disciplina ou suas disciplinas que lhe permita estabelecer relações entre as hipóteses formuladas pelo discente e a base científica do conhecimento em si.

Logo, a avaliação deixa de ser um momento remate do processo educativo para se transformar na busca de compreensão das dificuldades do educando e na dinamização de novas

oportunidades de conhecimentos, conforme LUCKSI (2000:15): “O ser humano é um ser que se auto-costrói, que aprende, Ele não é dado pronto, vai se construindo do simples para o complexo e se desenvolve com os outros, com a sociedade da qual faz parte”.

Ou seja, todo educador terá que levar em conta o desenvolvimento, a construção de seus alunos como seres humanos que auto-costrói, usando da avaliação como um instrumento dialético do avanço e da identificação de novos rumos; como também do reconhecimento dos caminhos percorridos e dos a serem perseguidos.

### **1.3 – A importância da análise dos erros**

É quase que imediata a relação que fazemos entre erro e fracasso, e em si tratando de educação, esse fracasso geralmente resulta em reprovação do aluno.

No entanto, este mesmo erro que pode resultar em fracasso e reprovação pode e deve servir a favor da aprendizagem, pois as respostas “erradas” dos alunos ou melhor, as respostas que não atendem as expectativas do professor, com relação a dado conteúdo, oferecem grandes possibilidades e análises.

Demóstines, filósofo grego da antiguidade, via no erro não um caminho para o fracasso ou para o desespero, mas antes uma razão para a esperança, dizia ele “Se houvesse cumprido, perfeitamente tudo o que se relaciona com o vosso dever, e mesmo assim, não houvesse melhorado a situação de vossos interesses, não restaria qualquer esperança de que acontecesse. Mas, como as más circunstâncias em que se encontram não dependem das coisas, mas dos nossos próprios erros, é de se esperar que, estes corrigidos, haja uma grande mudança e a situação se torne favorável” (apud. AQUINO, 1997, p.12)

É importante destacar que o erro é um fato detectável, já o fracasso é o produto da interpretação desse fato, o modo como o compreendemos e não o resultado direto do erro. Portanto, devemos analisar o fato de que erro não é necessariamente um indicio de fracasso.

Hoffmann (2001), define uma concepção de erro construtivo, em que o professor deve considerar que o conhecimento produzido pelo aluno, em qualquer momento de sua experiência de vida, é sempre um conhecimento a ser superado. Para ela, o educando

aprimora seu modo de conceber o mundo à medida que se depara com novas situações, novos desafios, formulando e reformulando suas idéias.

Os resultados expressos pelos instrumentos de avaliação sejam eles provas, trabalhos, postura em sala, constituem indícios de competências e como tal devem ser considerados. A tarefa do avaliador constitui um permanente exercício de interpretação de sinais, de indícios, a partir dos quais manifesta juízos de valor que lhe permitem reorganizar a atividade pedagógica.

Ao levantar indícios sobre o desempenho dos alunos, o professor deve ter claro o que pretende obter e que uso fará desses indícios. Nesse sentido, a análise do erro pode ser uma pista interessante e eficaz.

Na aprendizagem escolar o erro é inevitável e, muitas vezes, pode ser interpretado como um caminho para buscar o acerto. Quando o aluno ainda não sabe como acertar, faz tentativas, à sua maneira, construindo uma lógica própria para encontrar a solução.

Ao procurar identificar mediante a observação e o diálogo, como o aluno está pensando, o professor obtém as pistas do que ele não está compreendendo e pode interferir para auxiliá-lo.

Quando o professor consegue identificar a causa do erro, ele planeja a intervenção adequada para auxiliar o aluno a avaliar o caminho percorrido auxiliando assim o processo de aprendizagem e não de fracasso, de exclusão.

#### **1.4 -A Relação Entre a Avaliação e o Fracasso Escolar**

Hoje no Brasil um dos grandes problemas enfrentados pela educação é o alto índice de reprovação, em que os alunos demoram em média 11,2 anos para concluir o ensino fundamental, quando o ideal seria 8 anos.

Vários conceitos são dados à avaliação e, no entanto, o seu verdadeiro valor é por vezes, esquecido, tornando-se um ato corriqueiro com o intuito apenas de aprovar ou reprovar.

Neste aspecto de avaliação não atinge um dos seus sentidos o qual é de diagnosticar dificuldade do educando e buscar superá-los através de uma maior atenção àquele que se encontra incapacitado de desenvolver a aprendizagem.

Na verdade, avaliação da aprendizagem no Ensino Fundamental deve ser compreendida como um processo contínuo, sistemático e íntegro de acompanhamento e julgamento do nível no qual alunos e professores se encontram em relação ao alcance dos objetivos desejados na formação de profissional em questão, ou seja, do professor/educador.

Pode-se dizer que avaliação da aprendizagem deve ser entendida como um processo indissociável da dinâmica de ensino e aprendizagem, pois implica a realização de verificações planejadas em obter diagnóstico periódico do desempenho dos alunos e professores em relação à transmissão/assimilação e construção/produção dos conhecimentos, habilidades e atitudes desejadas, possibilitando o replanejamento das ações sempre que necessário e não um mecanismo de classificação e exclusão.

É imprescindível que antes de atribuir a sentença final ao aluno, julgando se este será APROVADO ou REPROVADO, que o educador esteja consciente da sua decisão, pois o aluno reprovado na escola tem grande probabilidade de ser reprovado também fora dela. Além disso, o fracasso, bem como o sucesso, não é resultado apenas do desempenho do aluno, o professor assume papel relevante nesse processo. Nesse sentido, HOFFMANN (2003 p. 70) diz: “É preciso legitimar a responsabilidade ativa do professor quanto a um processo avaliativo”.

Além disso, apenas atribuir o fracasso ao aluno é muito fácil e cômodo para o professor, utilizando-se de justificativas de que o menino não aprende porque não quer, é preguiçoso, não tem capacidade, não sabe ler e a culpa é do professor do ano anterior que não ensinou direito. Outro não aprende porque é pobre, filho de pais separados. Enfim, procura de toda forma se eximir de qualquer responsabilidade a respeito do insucesso “do aluno”.

Na verdade, esse mesmo professor deveria perguntar a si mesmo se o que está sendo ensinado é adequado a quem está ensinando, se o grau de dificuldade é compatível com o nível do aluno, se este tem conhecimento prévio a respeito, se está aproveitando e organizando-o com vistas à construção de novos (conhecimentos). Ou ainda, se está ensinando de uma forma adequada àqueles alunos, daquela sala, considerando suas reais condições e aspirações.

Diante do exposto, é possível constatar que as escolas com seus respectivos professores não estão dando a devida relevância ao assunto, não enfatizando uma aprendizagem que permita o sucesso, a inclusão dos educandos e não o contrário.

## **2 – A POSTURA DOS DOCENTES FRENTE À AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM**

### **2.1- A relação entre a formação dos professores e sua prática avaliativa**

Grande parte dos problemas apresentados são decorrentes, sobretudo da má formação dos professores e dos conhecimentos que estes tem acerca do processo educativo e avaliativo, já que sua prática é baseada na teoria que estudaram tanto no seu processo de formação quanto nos cursos de formação continuada que freqüentam ou deveriam freqüentar. Sobre isso, LUCKESI (2005, p.28) nos alerta: “A avaliação não se dá nem se dará num vazio conceitual, mas sim dimensionada por um modelo teórico de mundo e de educação traduzido em prática pedagógica”.

Toda prática reflete a concepção de quem a executa e toda ação tem um objetivo ou pelo menos deveria ter. Mas, o que ocorre, muitas das vezes é que o professor não se dá conta disso, direcionando sua ação, inclusive a avaliativa de forma aleatória, sem focar a aprendizagem dos alunos, utilizando a avaliação apenas com a finalidade de mensurar os conhecimentos que eles adquiriram, através de um exame, de uma prova, segundo ROMÃO (2005) “no sistema educacional, os docentes avaliam os discentes sem processar, primeiramente, com os instrumentos adequados, as medidas oportunas”.

Às vezes, por falta de conhecimento teórico da parte de alguns educadores, levam a transformar a avaliação num problema para o nosso sistema de ensino, onde não tendo os mesmos a experiência e o conhecimento necessário, vão apenas julgar e classificando os alunos como sendo inteligentes ou não, capazes ou não, sem analisar os métodos e procedimentos que usaram, a situação social dos alunos, as condições e meios de organização de ensino, os requisitos prévios que têm os alunos para assimilar matéria nova, as diferenças individuais, o nível de desenvolvimento intelectual, as dificuldades de assimilação devidas à condições sociais, econômicas, culturais adversas dos alunos, etc.

Muitas vezes os professores avaliam as turmas pelas informações que os outros transmitem, não dando o direito dos próprios alunos expressarem suas opiniões sobre o assunto em debate e por conta disso muitos deles acabam prejudicados, pois o que conta no final do período é a nota seja ela justa ou não. E a concepção conclusiva daquelas informações que poderiam ser exploradas são deixadas de lado; uma vez que o professor não dá a oportunidade dos alunos demonstrarem o seu conhecimento sobre o assunto, com suas próprias palavras e assim dificultam a demonstração dos mesmos em mostrar que todos são capazes de adquirirem os seus próprios conhecimentos.

## **2.2 – A função tradicional da avaliação**

A atual prática da avaliação educacional está muitas vezes ainda a serviço de um entendimento teórico-conservador da sociedade e da educação. Dentro dessa concepção surgiram as chamadas pedagogias dominantes: Pedagogia liberal tradicional, Pedagogia liberal renovadora ou escolanovista, pedagogia liberal tecnicista, etc.

Na pedagogia liberal tradicional, o aluno é um ser passivo, sem direito a criticar ou opinar, sendo o professor o centro do processo de ensino. A avaliação nessa pedagogia valoriza o intelecto do aluno.

As respectivas práticas pedagógicas não proporcionam nenhuma mudança na atual sociedade, ao contrário, elas conservam e reproduzem na íntegra. Nesse contexto, a prática pedagógica se tornou ultrapassada e insatisfatória, nascendo assim, o desejo de renová-la.

Os professores usam e abusam da “avaliação” utilizando-a como instrumento de poder sobre os alunos, através das notas, a favor da competição e seleção dos mesmos, alguns até se vangloriam quando a maioria dos alunos tira nota baixa em uma prova, pois segundo sua concepção isso demonstra o quanto os alunos são incapazes e inferiores ao todo poderoso detentor dos conhecimentos.

Em grande parte das escolas, a prática do professor se limita a transmitir informações e exigir que os alunos as absorvam (como esponjas), em um processo educativo que se desenvolve de maneira estanque, de forma aleatória e descontextualizada, sem elos de continuidade, desconexas no sentido da progressão na construção do conhecimento. HOFFMANN (2003).

Alerta para o perigo das condições concretas dessa prática avaliativa, autoritária e coercitiva, que segundo ela, determinam continuamente situações de sucesso e fracasso escolar com base em exigências de memorização e reprodução de dados pelos alunos.

Geralmente, essa avaliação ocorre apenas ao final de uma aula, bimestre, ou ano letivo e com data marcada, como se o único objetivo do ensino dos conteúdos fosse a sua verificação, como se os alunos só tivessem que aprender para provar ao professor e como se avaliação fosse um fim em si mesma, podendo ocorrer independente dos demais elementos necessários ao processo de aprendizagem, de forma descontextualizada, sem vínculo seja com conteúdo, com a metodologia e principalmente com os objetivos desejados. Nesse sentido, PERRENOUD (1999, p.71) afirma: “A avaliação não é um princípio, um objetivo em si, mas um meio de verificar se os alunos adquiriram os conhecimentos visados”.

É importante que entendamos que o objetivo do ensino de qualquer disciplina ultrapassa a mera memorização de informações e de casos exemplares dos quais o professor se vale inevitavelmente na busca da transmissão de determinado conteúdo. E que avaliar não é julgar o êxito de qualquer ensino pela capacidade de reprodução que o aluno tem do que lhe foi transmitido como informação ou exemplo, mas sim, pela sua capacidade de construir soluções próprias, frente a novos problemas, nem que para isso ele recorra ao que lhe foi apresentado, no entanto, não se limite a isso.

### **2.3 – Avaliação utilizada como ameaça**

Alguns professores por falta de instrução, ou até mesmo de ética e compromisso, acabam utilizando as provas como instrumento de ameaça e tortura prévia dos alunos, pois segundo eles esse tipo de prática pode ser um elemento motivador da aprendizagem.

Tal prática revela, entre outras coisas, a incapacidade do professor, pois uma vez não conseguindo motivar os alunos com uma seleção significativa de conteúdos, adequados à uma metodologia envolvente, apela para a ameaça da prova, da nota baixa que pode significar repetência, fracasso, bronca dos pais, utilizando-se da pedagogia comeniana que defende que “o medo é um excelente fator para manter a atenção dos alunos. O professor pode e deve usar esse excelente meio para manter os alunos atentos as atividades escolares”. (LUCKESI)

A prática escolar voltada apenas para a efetuação de exames e aferição de notas, pode causar sérias conseqüências principalmente para o aluno que é submetido a elas, ainda mais se esta for baseada nos princípios do medo e da ameaça, pois o aluno tanto perde no que se refere à construção de conhecimento, como pode ainda ter outros tipos de problemas, já que psicologicamente, a avaliação utilizada como ameaça é útil para desenvolver personalidades submissas, enquanto permite ao professor ter o controle da situação através da coerção externa mantida pelo mesmo, exercendo-o um autoritarismo mascarado.

Socialmente, esse tipo de exercício serve também aos processos de seleção social, já que a sociedade é dividida em classes de forma desigual e injusta, e se má utilizada, a avaliação reforça essa seletividade à medida que está mais articulada com a reprovação do que com a aprovação.

Avaliação é uma prática vigente e comum no atual processo de ensino escolar, onde o professor usa a avaliação como um meio de disciplinar e impor a ordem social. Segundo LUCKESI (1999 p.40); O uso autoritário da avaliação escolar é a sua transformação em mecanismo de condutas sociais.

De modo geral, os professores usam a avaliação para impor limites e regras de conduta social, alegando que, se os alunos não se adequarem às normas escolares impostas pelo estabelecimento de ensino, terão como repreensão à avaliação somática crua como uma demonstração de seu autoritarismo e, se por acaso não vier a se intimidar por essa imposição será reprovado por indisciplinar escolar.

O uso da avaliação no processo escolar abrange vários aspectos, sendo que, a decisão de aprovar ou reprovar não deve ser a expressão de um “castigo”, nem ser unicamente pautada no quadro se aprendeu ou deixou de aprender os conteúdos propostos, mas uma decisão que visa garantir as melhores condições de aprendizagens, sendo importante que o professor analise as diferentes capacidades do aluno, para assim obter um aproveitamento melhor na próxima etapa.

## 2.4 – Avaliar a serviço da aprendizagem

A finalidade dessa discussão não é apenas questionar o uso ou não das provas, até porque ela é útil e necessária, à medida que atende as solicitações da escola, bem como, dos pais dos alunos, que muitas vezes se valem apenas delas do resultado quantificado para se inteirarem do desenvolvimento escolar do seu filho. Para LIBÂNEO (1994, p.199) um dos vários equívocos cometidos pelos professores é o de rejeitarem completamente as medidas quantitativas de aprendizagem, em busca apenas de dados qualitativos, já que segundo ele se isso ocorrer “a avaliação se perde na subjetividade de professores e alunos, além de ser uma atitude muito fantasiosa quanto aos objetivos da escola e à natureza das relações pedagógicas”.

Faz-se necessário que os professores utilizem a avaliação de fato, a favor do desenvolvimento, da construção e evolução não só do aluno, pois o processo não se restringe a ele não é constituído apenas por ele. Na maioria das vezes, o único foco são as falhas do aluno, o que ele não aprendeu, seu desinteresse, indisciplina, problemas em casa, ou seja, o professor julga apenas o aluno, a culpa pela nota baixa que tirou, mas não avalia a sua prática, não se questiona, por exemplo, se o conteúdo selecionado era significativo, se a metodologia utilizada era adequada de modo a envolver os alunos e se a resposta obtida por si mesmo, e pelos alunos por não pensar o que poderia mudar com vistas a superar as dificuldades encontradas pelo caminho.

Dependendo do direcionamento que o professor dá ao processo de avaliação, é possível que, de um lado ele contribua para a construção da aprendizagem, bem como do desenvolvimento de um cidadão crítico, com sua auto-estima “em paz”, até porque a partir da avaliação é possível diagnosticar falhas, pontos a serem melhorados, ver o que está bom e o que precisa ser superado, permitindo assim, uma análise da situação atual, para que a partir dela haja uma evolução, favorecendo assim, o desenvolvimento do educando.

Por outro lado, sentenças atribuídas ao aluno pelo professor podem marcar a vida dessa criança, tanto no que se refere à reprovação escolar quanto à verbal, como muitas vezes ocorre, o “educador” taxá-lo verbalmente de burro, que não aprende nada, de má companhia para os colegas, é um sem futuro, etc. Tendo em vista que ela pode internalizar esse discurso e incorporá-lo como verdade, fazendo jus a ele, reproduzindo-o não só na escola, ou em casa, mas também nas demais relações, inclusive nas que estabelece com a sociedade.

Segundo LIBÂNIO (1994 p.115):

Professor que tem clareza dos objetivos educativos da sua profissão e dos propósitos a respeitar da formação intelectual e moral dos alunos, que revela um verdadeiro interesse pela preparação cultural das crianças e para a vida adulta, que inculca nos alunos o senso de responsabilidade, certamente terá meio caminho andado para conseguir um aproveitamento escolar satisfatório.

A avaliação esta predominantemente a serviço da ação, colocando o conhecimento obtido, pela observação ou investigação, a serviço da melhoria da situação avaliativa. Porém, observar, compreender e explicar uma situação não é exatamente avaliá-la, pois essas ações são apenas uma parte do processo, onde além da investigação e da interpretação da situação. A avaliação é substancialmente reflexão, capacidade única e exclusiva do ser humano, de pensar sobre seus atos, de analisá-los, julgá-los, interagindo com o mundo e com os outros seres, influenciando e sofrendo influências pelo pensar e agir, pois não há tomada de consciência que não influencie a ação e sendo assim, avaliação reflexiva auxilia na transformação da realidade avaliada.

Porém, é preciso um esforço coletivo para delinear as setas dos caminhos da avaliação educacional, na direção do seu significado ético da contribuição à evolução da sociedade e levando em conta a promoção moral e intelectual dos alunos. Segundo HOFFMANN (2004: 19): “Tanto as normas classificatórias ainda presentes nos regimentos, quanto às críticas às novas formas de progressão escolar, revelam o caráter seletivo e burocrático que continua a prevalecer na avaliação educacional em nosso país”.

Uma prática avaliativa direcionada ao futuro, diferentemente, não tem por objetivo apenas reunir informações para justificar ou explicar uma etapa de aprendizagem, mas acompanhar com atenção e seriedade todas as etapas vividas pelo educando para ajudar, no decorrer de todo o processo, estratégias pedagógicas, visando ao encaminhamento de alternativas de soluções e melhorias do objeto avaliado. Contudo cada manifestação do aluno é um indicio de continuidade por onde o professor deve prosseguir, pois não se trata de um caminho sem rumos - o professor deve planejar a sua ação, mas esse planejamento precisa ser plástico, flexível, para abrir-se a várias opções de rumos e tempos aos alunos e a cada turma por onde possa passar, ajustando-se em objetivos e atividades permanentemente e assim como uma

seta, a avaliação direciona-se, essencialmente, para frente, não para julgar e classificar o caminho percorrido, mas para favorecer a evolução da trajetória do educando.

Na ação avaliativa, o professor reorienta sua avaliação em função das avaliações que faz das inteligências dos alunos. Tem de ser um processo flexível na qual aluno-professor conjuntamente avaliam as necessidades, refletem e elaboram estratégias diferenciadas, procurando melhorar aquelas áreas em que o aluno tem menos desenvolvimento.

Não é possível falar em avaliação escolar, sem se fazer uma análise do sistema educacional, já que a avaliação é uma peça de engrenagem desse sistema.

### **3-RELATOS DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NA SALA DE AULA**

#### **3.1 Caracterização da escola de campo do Estágio**

No terceiro capítulo deste trabalho, mencionamos as experiências concernentes à educação, vivenciadas em sala de aula durante o Estágio Supervisionado.

O referido Estágio ocorreu na E.E.E.I.E.F. São Sebastião, no município de São José de Piranhas-PB, na 2ª série diurna no período de 5 de março de 2007 a 30 de março do corrente ano.

A referida escola foi fundada em 1952 e recebeu o este nome por localizar-se no bairro com o mesmo nome, o qual homenageia o padroeiro São Sebastião. A escola atende a clientela da Educação Infantil e Ensino Fundamental nos turnos manhã e tarde e tem 133 alunos no total, sendo que 70 estão matriculados no turno manhã e 63 à tarde.

O quadro de funcionários é composto por 1 diretor, 7 professores, em que 3 são efetivos e as demais contratadas, 4 auxiliares de serviço, 3 secretárias, não dispo de vice direção nem de apoio pedagógico.

Entre os principais problemas da escola se destacam: a ausência da direção, bem como dos pais no que se refere ao acompanhamento da aprendizagem dos filhos, a estrutura da escola é velha e inadequada, além da falta de material didático.

#### **3.2 -Comentando os resultados de pesquisa**

Apesar de lecionar na turma em que estagiei desde o início do ano letivo (2007), o Estágio proporcionou-me novas e interessante experiências, devido o seu caráter investigativo e reflexivo.

Sendo a temática abordada a avaliação da aprendizagem, certamente foquei mais a atenção nesse sentido. Porém, não me restringi a analisá-la, nem tampouco limitei-a a minha sala. Busquei também compreender como se dá o processo avaliativo nas demais salas da escola onde trabalho, utilizando como fonte de coleta de dados uma pesquisa realizada através da

aplicação e análise de um questionário de 12 perguntas subjetivas, contando para isso com a colaboração das professoras da referida escola. Que será citado e analisado a seguir.

Quando perguntadas sobre o que compreendiam por avaliação todas as professoras entrevistadas demonstraram em suas respostas, um entendimento acerca do tema por meio de respostas do tipo: “A avaliação é a parte fundamental do processo educativo, que deve sempre levar em conta as vivências das crianças, não devendo limitar-se apenas a testes escritos (provas), mas dinâmicos”.

Ao serem perguntadas sobre a função da avaliação no processo de ensino-aprendizagem, surgiram respostas como “A função da avaliação é CONTROLAR a aprendizagem do aluno...” e ainda “é de diagnosticar o aluno no sentido de MEDIR seu nível de conhecimento. Ou seja, respostas que de certa forma se confrontam com a concepção de avaliação que apresentaram na resposta anterior, uma vez que o foco agora é no controle da aprendizagem e não no desenvolvimento da mesma, em que se diagnostica o aluno apenas para mensurar seu conhecimento e não para buscar alternativas que permitam vencer os obstáculos que surgem no processo educativo”.

Em relação aos procedimentos utilizados para avaliar os alunos, o que me chamou atenção foi o fato de nenhuma das professoras citarem a prova escrita como meio de avaliar seus alunos, entre as respostas surgiu a seguinte “Os procedimentos utilizados para avaliá-los acontece de forma continua...” outra citou outros procedimentos como pesquisas, trabalhos em grupo, observação, a participação, o interesse e desempenho do aluno.

No entanto, como trabalho na escola, sei que as mesmas professoras que se quer mencionaram a prova como forma de avaliação (com exceção da professora do ensino infantil), usam e abusam da mesma, até porque é exigência da escola, e ainda dos pais dos alunos que esperam ver o desempenho dos filhos quantificado.

Quando perguntadas sobre a quantidade de livros, abordando o tema avaliação já haviam lido, a maioria declarou já ter lido alguns, ou vários, apenas uma das professoras confessou só ter lido um pequena apostila.

Acredito que só esta foi sincera, já que na resposta à pergunta seguinte, a maioria afirmou ter participado de um ou dois encontros que abordava o assunto em questão.

Ao responderem, se na opinião delas existia alguma relação entre a avaliação e o fracasso escolar, surgiu uma resposta confusa: “Sim. Porque a avaliação possibilita prioridades e localiza quais aspectos das ações educacionais demandam maior apoio e conhecimento, e assim melhor entendimento do aluno” (não tem nada a ver com a pergunta).

Quanto ao objetivo da avaliação, mais uma vez o controle foi mencionado, desta vez de forma mais clara, quando uma das professoras deu a seguinte resposta “... para ter um melhor controle externo do aluno...”.

Quando perguntei se na escola havia calendário estabelecido de avaliação todas responderam que não, o que evidencia a falta de planejamento e organização da instituição.

Já quando responderam se recebiam influência externa no processo avaliativo, embora todas trabalhassem na mesma escola, com o mesmo diretor, as respostas foram divergentes. A maioria respondeu que não. Mas estranhamente uma das entrevistas disse que sim. Será que só cobram dela?

Ao responderem em que medida a avaliação modifica sua metodologia, falou-se “na medida em que percebo que o aluno não está atingindo os meus objetivos”. Mas será que o foco é nos objetivos do professor ou nas necessidades e expectativa do aluno?

Por fim, quando definiram sua própria prática avaliativa mais uma vez se falou em processo contínuo, em instrumento para o desenvolvimento das atividades didáticas outra ainda (modesta) definiu como sendo satisfatória.

De modo geral, embora apresentassem algumas respostas “bonitas”, até coerentes, que demonstrou um certo conhecimento acerca da avaliação, as professoras entrevistadas revelaram também certa confusão e contradição tanto em suas respostas, quanto em relação à prática que vivenciam na sala de aula, pois como trabalho na mesma escola que elas, através de conversas informais e de observações diretas percebi que a teoria que apresentaram não se evidenciava na prática. Acredito que o discurso o qual elaboraram tem mais a ver com o que elas sabem que deve ser, do que com o que de fato ocorre no dia a dia da sala de aula.

O objetivo da avaliação não é quantificar até que ponto os alunos retiveram os conhecimentos transmitidos por meio apenas de aula explicativa, em que o professor é o único que explica,

utilizando como recurso só apenas quadro, giz, livro didático e quando tem folha, tarefa mimeografada. Nesse caso, cabe ao aluno apenas ouvir, tentar entender e reproduzir na prova o que lhe foi transmitido para tirar nota boa e “passar de ano”.

Infelizmente, muitos professores acreditam que pelo fato de estarem a muitos anos em sala de aula, a experiência adquirida durante esse tempo é suficiente para garantir que aprendizagem ocorra. É evidente que a experiência ajuda, mas sozinho ela não é suficiente. É necessário que aliada a ela esteja a teoria, um estudo contínuo, que lhe dê subsídios para lidar com as constantes mudanças que ocorrem em todas as áreas do conhecimento, tendo em vista o bombardeio de novas informações que surge todos os dias, e se o educador não estiver atento acabará ficando para trás, pois apenas o conhecimento que ele adquiriu na sua formação anos atrás não é suficiente para lhe assegurar enquanto educador, diante do importante papel que exerce na sociedade: o de orientar pessoas a fim de ajuda-las a construir conhecimento, descobrirem potencial, sendo reflexivos que tenham êxito na escola, mas nos vários aspectos de sua via, tanto individualmente quanto em sociedade.

Em minha prática na sala de aula, busquei além da prova escrita, (que é obrigatória) avaliar os meus alunos em outros momentos no desenvolvimento de qualquer que fosse a atividade trabalhada por mais simples que parecesse. Por exemplo, quando copio um texto no quadro observo quem ler enquanto escreve, quem sabe utilizar parágrafos e o espaço adequado do caderno, tem ainda os alunos que não conseguem nem reproduzir a pontuação e acentuação gráfica.

Enquanto eles brincam do “mata” nas aulas de educação física, dar para observar quem tem espírito de liderança, quem sabe trabalhar com o outro ou é individualista, se sabem o que é número par e número ímpar, se têm bons reflexos e coordenação motora, se sabem lidar com regras, etc.

Ao concluir determinado conteúdo peço aos educandos que façam desenhos a respeito do que compreenderam sobre o assunto, e através dele é possível saber se entenderam ou não o conteúdo em questão. Conforme o anexo II.

Ou seja, são situações corriqueiras e simples da sala de aula, que embora pareçam sem sentido, dependendo do olhar, do objetivo de quem as planejou pode servir como fontes muito ricas de informações básicas, mas extremamente importantes quando o que se deseja com a

avaliação é superação das dificuldades apresentadas pelo aluno, em busca do desenvolvimento e aprendizagem deste.

Em relação à concepção que os alunos têm de avaliação, não tenho dúvidas nenhuma que o único sinônimo que conhecem é prova e escrita, já que a cada atividade proposta sempre perguntavam se era “valendo nota”. E se a resposta fosse negativa, de imediato demonstravam desinteresse, falta de estímulo e empenho no desenvolvimento de tal atividade. É como se a única finalidade do estudo fosse passar na prova e só bastasse aprender para tirar uma nota suficiente para passar de ano.

Diante dessa conclusão, conversei com os alunos, argumentei que o objetivo do estudo é a aprendizagem, que outras coisas (como objetos, dinheiro, etc) eles podem perder, gastar, podem até tirar deles, no entanto o conhecimento, o que eles aprendem realmente será deles a vida toda, tendo em vista o mundo competitivo em que vivemos, que a cada dia que passa são maiores os obstáculos para conseguir um emprego e o conhecimento é o maior critério de seleção. Por isso a necessidade de estudar para aprender e não só para tirar 7,0 até porque a nota máxima é apenas consequência e não por isso deve ser o centro das suas atenções.

Mesmo estando ainda na 2ª série os educandos já têm uma concepção de avaliação restrita as provas, acredito que isso se dá ao fato de ser o único meio a que foram submetidos até então, ou mesmo que não, o professor não se dava ao trabalho de esclarecer que existem outras formas de avaliar e que o único objetivo desta não é a mera aquisição de notas.

Essa forma de conceber a avaliação dos alunos não é algo fácil de mudar, pois mesmo após conversar e demonstrações práticas de que existem outras formas de diagnosticar os conhecimentos adquiridos e até mesmo de obter as notas, percebi ainda, uma resistência no sentido de compreender, até de aceitar. Por isso a importância de deixar os alunos a par do processo de avaliação a qual são submetidos desde o início da vida escolar, até porque é necessário que eles também participem ativamente dele.

Quando à aquisição de notas, mais especificamente, não me restringi às provas escritas, as fiz também oralmente, até porque infelizmente ainda tenho alunos com dificuldade na leitura e escrita, para os que sabem, proponho que pesquisem, que eles mesmos leiam as perguntas e encontrem no conteúdo as respostas, gincanas também são muito produtivas, pois nesse caso, os alunos têm um incentivo a mais: VENCER.

A possibilidade de ao mesmo tempo ter acesso tanto à teoria quanto à prática é muito rica, porque me permite “testar” o que aprendo com o estudo das disciplinas todos os dias e essa possibilidade de acerto e também de erro, me faz aprender constantemente.

Hoje, tenho a preocupação de a cada aula me perguntar se o que fiz promoveu de fato a aprendizagem, se o objetivo desejado tanto para mim quanto para o aluno foi alcançado, qual o significado dessa aprendizagem, de que forma esta lhe será útil. Tento sempre avaliar minha prática e nem sempre fico satisfeita com os resultados e comigo mesma, mas busco melhorar a cada dia.

Ainda não me sinto segura nas minhas decisões, pois segundo HUBERMAN, no seu estudo sobre o ciclo de vida profissional dos professores, o qual identifica as fases e que o professor se encontra na sua carreira, eu estou na fase que ele chama de tateamento, que é quando o professor inicia na profissão e por isso ele é um período ainda de aprendizagem em que o professor não tem segurança em suas ações e decisões, mas sei que vou evoluir.

É evidente que é extremamente importante estudarmos e refletirmos acerca da avaliação, bem como dos demais fatores que compõem o processo de ensino e aprendizagem, no entanto só isso não é suficiente, é necessário também uma ponte entre teoria e prática. Prática essa que muitas vezes barra nas condições de trabalho oferecidas ao professor.

Fala-se muito no papel social do professor e logicamente é imprescindível que este seja bem definido, que o docente tenha claro o objetivo da sua ação, pois quando o processo não caminha da maneira desejada a parcela maior de culpa certamente será atribuída ao professor. Mas por outro lado é importante também observar as reais condições de trabalho dados ao professor, que muitas vezes tem de se submeter a dois ou até três expedientes para assegurar o pagamento das contas no fim do mês, sendo assim, que tempo lhe resta para pensar, planejar, avaliar, auto-avaliar-se?

Não estou querendo dizer que por isso o professor fica isento do compromisso e da responsabilidade que de fato tem, o que estou tentando defender são melhores condições de trabalho ao docente, com apoio pedagógico, material didático disponível, espaço físico adequado, além é lógico de uma remuneração que pague efetivamente o seu trabalho e que não obrigue a longas jornadas.

É bastante comum, principalmente em ano eleitoral, ouvir os candidatos falarem em educação em seus discursos cheios de promessas, falam até que “a educação é a base de tudo”, e se analisarmos bem, isso é fato, pois se o indivíduo vai à escola, se educa realmente, está sobretudo se preparando intelectualmente, psicologicamente, fisicamente, adquirindo valores morais e sociais que lhe servirão de base para que seja um cidadão crítico, autônomo e por isso capaz de ingressar no mercado de trabalho, garantindo assim seu sustento, saúde, boa qualidade de vida. Ao mesmo tempo, não está se drogando, não precisa roubar, se prostituir, pois é suficientemente capaz, de com o seu trabalho viver dignamente.

Mesmo diante dos fatos, a maioria dos políticos não saem do discurso, não investem o suficiente em educação, até porque povo alienado é mais fácil manipular e sem instrução e conseqüentemente sem emprego fica mais fácil trocar o voto por esmolas, (uma vez que não têm acesso à saúde , emprego etc) ou até mesmo por promessas de que dias melhores virão.

## Considerações finais

A temática da avaliação tem ocupado bastante espaço nas discussões sobre Educação, pois trata-se de um tema que precisa ser tratado com muito critério, porque tem muitos afluentes e por isso muitas lutas vêm sendo assumidas por educadores, na denúncia da função seletiva e discriminatória das notas e conceitos e dos sérios prejuízos sociais decorrentes da reprovação de estudantes das classes populares.

Avaliar no processo de ensino aprendizagem tem sido um trabalho muito árduo e distante do aluno. Essa prática não pode se limitar ao julgamento, mas deve, sobretudo atender às expectativas que supram as necessidades do discente, bem como dos objetivos da instituição.

Ao observar e vivenciar a aplicação dessa temática constatou-se o quanto é difícil avaliar o aluno, considerando a gama de conseqüências que podem decorrer dessa decisão, porque às vezes certos julgamentos feitos pelo professor, podem mudar o rumo de determinado aluno. Ao invés de promover e incentivar o seu desenvolvimento poderá deixá-lo exposto a seleção e exclusão tanto do meio escolar, quanto social.

Diante do exposto, faz-se necessário que os educadores fiquem mais atentos, diria até alertas, sobre o significado de sua prática educativa, discutindo, refletindo, auto-avaliando-se, observando e considerando atentamente e constantemente os conhecimentos previamente construídos pelos alunos, para que estes possam servir de âncora para novos.

Para isso, é imprescindível um repensar sobre a prática desenvolvida na sala de aula, direcionando a ação avaliativa para o caminho das relações dinâmica se dialógicas, tomando por base uma avaliação que privilegia a aprendizagem, uma vez que esta só faz sentido se tiver intuito de buscar caminhos que levem ao desenvolvimento, promovendo melhora não apenas intelectual, mas também política e social do educando.

Outro aspecto importante a ser considerado é a concepção de avaliação como acompanhamento no processo de aprendizagem, em que se avalia para ensinar e não só para atribuir notas, observando o educando fundamentado no conhecimento de suas etapas de desenvolvimento, pois quando o educador conversa com os alunos sobre os objetivos de uma atividade, dar-lhe meios para que acompanhem a própria evolução, baseando assim sua ação educativa na confiança, nas possibilidades dos alunos e valorização de suas manifestações e

interesses, onde o aluno possa ter a liberdade de dizer sem medo de punição o que sabe, o que não sabe e o que quer aprender.

Devemos sempre considerar que o aluno é capaz de assimilar os conteúdos, mas para que isso ocorra é necessário que estes sejam ensinados adequadamente, de forma dinâmica, prática em que o aluno participe ativamente, contando para isso com a colaboração de um professor que faça a mediação entre o aluno e o conhecimento, de modo que a partir desse processo flua o êxito e o sucesso de forma progressiva.

Desta forma, não basta “dar” determinado conteúdo, transmiti-lo do seu ponto de vista e cobrar numa prova escrita, as respostas desejadas. É necessário que o educador avalie o significado do conteúdo para o aluno, a metodologia utilizada e a forma de avaliação, considerando que ninguém é igual, tendo em vista que somos seres dotados de especificidades e particularidade, com diferentes concepções, aptidões e expectativas e cabe ao professor analisar cada caso para tomar as devidas e oportunas medidas.

A avaliação deve ser utilizada como apoio, como instrumento de coleta de informações, sempre de acordo com os objetivos tanto da escola quanto dos que se está buscando junto com o aluno. E para isso é imprescindível que se desvincule a avaliação do exame, da classificação, já que avaliar é um processo contínuo que deve levar em consideração toda a carga que o aluno tem, até porque antes mesmo de iniciar a vida escolar, o aluno traz consigo uma história de vida, cheia de experiências e informações, cabe à escola aproveitá-la e sistematizá-las.

Por isso é de suma importância que o educador busque conhecer bem o aluno, se possível, em todos os aspectos, familiar, social, econômico, afetivo, não se limitando aos desempenhos escolares, utilizando para isso o procedimento da observação, que visa uma análise mais detalhada sobre o aluno, tanto na escola quanto fora dela, buscando saber o que de fato influi na maneira de aprender do aluno, para a partir de então buscar meios e se possível modificá-los.

O aprendizado se dá também em grupo e tanto a escola como os educadores devem proporcionar práticas conjuntas e promover situações de cooperação, estimulando a coletividade e solidariedade, proporcionando também momentos com os pais dos alunos, de modo que eles possam acompanhar e participar do processo educativo dos seus filhos não

limitando sua visita à escola apenas a reunião, onde vão para o resultado quantificado dos seus filhos e as reclamações referentes aos mesmos.

Enfim, muitas são as dificuldades encontradas no processo de ensino aprendizagem, bem como no processo de avaliação, nos quais se destaca, seu caráter classificatório, seletivo e voltado para aquisição de notas ou conceitos (muitas vezes até rótulos) que a maioria dos professores atribui à avaliação escolar, utilizando-a mais a serviço da reprodução e manutenção do sistema vigente do que educando, que na verdade é o principal ator desse processo de ensino e aprendizagem. Ao contrário a avaliação deve ser vista de forma dialética, desta forma baseada no diálogo constante entre avaliadores e avaliados, permitindo que ocorra a continuidade e construção do conhecimento e crescimento tanto do aluno quanto de professores, pois educar vai muito além de reproduzir conhecimentos é, sobretudo plantar e cultivar o desejo de aprender e evoluir constantemente é preparar indivíduos para transformar o que lhes é imposto, o que não está correto através de atitudes políticas e sociais coerentes, uma vez que são saberes dos direitos e cumpridores dos seus deveres.

Fazemos parte de um mundo globalizado no qual a informação chega em tempo real e que ao mesmo tempo se transforma constantemente e a todo instante toma novas dimensões, com a educação não é diferente, a mesma também passa mudanças, necessitando de aprimoramentos para oferecer condições e subsídios necessários para o efetivo desenvolvimento do aluno, contribuindo para que este, bem como o professor, continuem inseridos no contexto escolar e social, pois a aprendizagem ocorre quando compartilhamos conhecimentos e experiências e isso só é possível num ambiente democrático, onde não haja barreiras no intercâmbio de idéias.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa. **Erro e Fracasso na Escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: Mitos e Desafios**. Uma perspectiva Construtivista. Porto Alegre: Mediação, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**: Estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 1997.

MATOS, Kelma Socorro Leopes de VIEIRA, Sofia Lerche. **Pesquisa educacional: O prazer de conhecer**. Fortaleza: Democrático Rocha, 2002.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens** Entre duas lógicas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação Dialógica: desafios e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2003.

SAUL, Ana Maria. **Avaliação Emancipatória: desafio à teoria e a prática de avaliação e reformulação de currículo**. São Paulo: Cortez, 1995.

## ANEXO I

### CARO PROFESSOR

O questionário foi constituído de perguntas subjetivas com as quais aproxima-nos do problema em questão. A opção por esse instrumento ou pesquisa deu-se devido ao curto espaço de tempo para a execução desse projeto.

O universo pesquisado foi os professores da escola E. E. E. I. E. Fundamental São Sebastião. Os dados coletados me ajudarão a compreender esta prática que possibilitará futuras decisões. Portanto, considero a colaboração de vocês ao responder este questionário algo fundamental.

Agradeço desde já a contribuição de todos.

Michelly Braz da Silva

### QUESTIONÁRIO

1- O que você entende por avaliação?

---

---

---

---

2- Qual é a função da avaliação no processo de ensino-aprendizagem?

---

---

---

---

3- Quais os procedimentos utilizados para avaliar os alunos?

---

---

---

---

4- Com que frequência você avalia os alunos?

---

---

---

---

5- Quantos livros de avaliação você já leu?

---

---

---

---

6-De quantos encontros que abordara o tema você participou?

---

---

7- Na sua opinião, existe alguma relação entre a avaliação e fracasso escolar?

---

---

---

8-Para que você avalia?

---

---

---

9- Na sua escola, há um calendário estabelecido de avaliação?

---

---

---

10- Você recebe influência externa (Secretaria de Educação, Direção, etc.) no processo avaliativo?

---

---

---

11-Em que medida a avaliação modifica sua metodologia?

---

---

---

12- Como você define sua própria prática avaliativa?

---

---

---

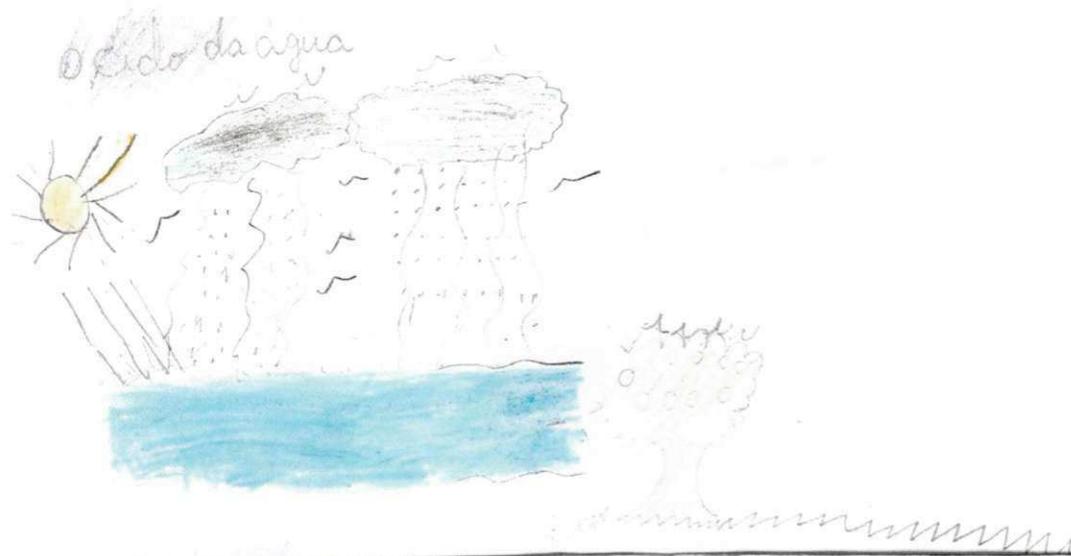
---

---

## ANEXO II

Atividade de avaliação produzida pelos alunos.

Nome Brenda Callalante Moura

Manuel Vieira da Silva  
o ciclo da água